



GUIA DE RECONHECIMENTO E ENFRENTAMENTO DA VULNERABILIDADE AO BAIXO DESEMPENHO NO ENEM

ENFRENTAMENTO DA VULNERABILIDADE NO ENEM

Relatório técnico apresentado pelo mestrando Cezar Gomes Dantas ao Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional (Profiap UFC), sob orientação da docente Dra. Marilene Feitosa Soares e coorientação da docente Dra. Kílvia Souza Ferreira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Administração Pública.



Resumo 03

Contexto da proposta de intervenção 05

Público-alvo 07

Descrição da situação-problema 08

Objetivos da proposta 09

Diagnóstico e análise 10

Proposta de intervenção 11

Responsáveis pela intervenção 19

Referências 20

Anexos 22

Protocolo de recebimento 35

Atributos qualificadores do PTT 37

Evidenciação de implementação e impacto da proposta 39

SUMÁRIO

RESUMO

Este relatório técnico apresenta a elaboração de produto técnico-tecnológico (PTT), na forma de um guia prático voltado ao reconhecimento e ao enfrentamento preventivo da vulnerabilidade ao baixo desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), direcionado a pais ou responsáveis, professores e gestores públicos cearenses. O produto foi desenvolvido a partir dos resultados de pesquisa que analisou fatores socioeconômicos associados ao desempenho no Enem no estado do Ceará, no período de 2014 a 2023 (Dantas; Ferreira;

Soares, 2025). Partiu-se do entendimento de que o desempenho educacional não decorre exclusivamente de esforço individual ou de atributos estritamente escolares, mas também de condicionantes materiais, familiares, territoriais e institucionais que influenciam as oportunidades de aprendizagem dos estudantes. Com base nessa premissa, o PTT traduz evidências acadêmicas em orientações práticas, acessíveis e aplicáveis ao contexto da gestão pública e da comunidade escolar.



“

o desempenho educacional não decorre exclusivamente de esforço individual ou de atributos estritamente escolares

”

O guia foi concebido como instrumento de mediação entre conhecimento científico e ação concreta, buscando apoiar a identificação precoce de estudantes em situação de vulnerabilidade educacional, bem como subsidiar estratégias de prevenção, acompanhamento e articulação intersetorial.

O trabalho apresenta o problema prático enfrentado, a fundamentação que justifica a proposta, os objetivos do produto, sua metodologia de construção, a descrição de sua estrutura, suas possibilidades de aplicação em redes públicas e unidades escolares, bem como sugestões de monitoramento e avaliação.

Como resultado, o PTT oferece uma tecnologia social e gerencial de baixo custo, potencialmente replicável, voltada à qualificação da atuação de famílias, professores e gestores públicos diante dos fatores que comprometem o desempenho discente no Enem. Conclui-se que a principal contribuição do produto reside em transformar achados estatísticos e analíticos em ferramenta de uso cotidiano, favorecendo intervenções preventivas mais racionais, contextualizadas e orientadas por evidências.



CONTEXTO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) consolidou-se, nas últimas décadas, como uma das principais avaliações educacionais do país. Além de servir como referência para o monitoramento do ensino médio, o exame se converteu em importante porta de acesso à educação superior, seja por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), seja por programas como o Programa Universidade para Todos (Prouni) e Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) (Da Silveira; Barbosa; Da Silva, 2015). Em razão disso, o desempenho no Enem passou a exercer forte influência sobre trajetórias educacionais e ocupacionais, assumindo relevância não apenas pedagógica, mas também social e distributiva (Dutra; Fernandes; Firmino Junior, 2023).

Nesse cenário, a discussão sobre desempenho no Enem não pode ser reduzida à dimensão do mérito individual. Embora o esforço do estudante, a qualidade do trabalho docente e a organização pedagógica da escola sejam fatores relevantes, há ampla indicação de que variáveis socioeconômicas e contextuais afetam, de modo significativo, as condições reais de aprendizagem e preparação para o exame. Renda, escolaridade familiar, condições habitacionais, acesso a recursos educacionais, estabilidade do ambiente doméstico, inserção territorial e capacidade institucional da rede pública são elementos que moldam oportunidades de estudo e desempenho (Torres *et al.*, 2020).

“ a discussão sobre desempenho no Enem não pode ser reduzida à dimensão do mérito individual. ”



A desigualdade educacional, portanto, manifesta-se não apenas nos resultados, mas também nas condições concretas dos alunos nas circunstâncias que antecedem tais resultados (Lima Junior; Fraga Junior, 2021).

No caso cearense, essa problemática adquire especial importância. O Ceará apresenta trajetória reconhecida em políticas educacionais, com avanços relevantes em indicadores de aprendizagem e gestão pública da educação. Entretanto, a persistência de desigualdades intraestaduais — entre territórios, grupos sociais e perfis familiares — indica que o progresso médio não elimina situações específicas de vulnerabilidade (Maia; Karruz, 2023).

Em outras palavras, mesmo em contextos de melhoria sistêmica, parte dos estudantes permanece exposta a condições que elevam a probabilidade de baixo desempenho em avaliações de alta relevância, como o Enem. Compreender essas vulnerabilidades e agir preventivamente sobre elas torna-se, assim, tarefa estratégica para gestores públicos, profissionais da educação e famílias.

Este PTT deriva de um artigo que investigou fatores socioeconômicos determinantes da nota no Enem no Ceará, abrangendo o período de 2014 a 2023 (Dantas; Ferreira; Soares, 2025). A pesquisa identificou que o desempenho discente sofre influência de variáveis que vão além do aspecto estritamente escolar, o que reforça a necessidade de respostas práticas que articulem evidência científica, gestão educacional e ação preventiva. Embora estudos acadêmicos sejam fundamentais para diagnosticar problemas e apontar relações relevantes, seus resultados nem sempre chegam, em formato inteligível e operacional, aos atores que atuam diretamente com os estudantes. Há, portanto, uma lacuna entre produção de conhecimento e sua apropriação pelas famílias, escolas e gestores.

É justamente nessa lacuna que se situa o presente trabalho. O produto técnico-tecnológico proposto consiste em um guia de reconhecimento e enfrentamento preventivo da vulnerabilidade ao baixo desempenho no Enem, concebido para dialogar com três públicos centrais: pais ou responsáveis, professores e gestores públicos cearenses.

O Guia não pretende substituir políticas públicas estruturantes, nem oferecer respostas simplistas para fenômenos complexos. Sua finalidade é complementar: fornecer uma ferramenta acessível, orientada por evidências, capaz de apoiar o reconhecimento precoce de sinais de vulnerabilidade educacional e de sugerir caminhos factíveis de atuação.

Além disso, a noção de vulnerabilidade ao baixo desempenho adotada neste trabalho exige breve esclarecimento. Vulnerabilidade, aqui, designa uma condição de maior exposição a fatores adversos que podem comprometer o desempenho escolar e o rendimento no Enem. Seu reconhecimento deve servir à prevenção, ao cuidado institucional e à alocação racional de esforços, e não à estigmatização. Sob essa perspectiva, o guia busca promover uma cultura de identificação sensível, intervenção antecipada e responsabilização compartilhada entre família, docentes e poder público.

PÚBLICO-ALVO

A destinação deste PTT é tripla, porque a vulnerabilidade educacional abordada também é tripla em sua forma de enfrentamento. Essa tripla destinação é compatível com o art. 205 da CF/88 e fortalece a legitimidade do produto, pois distribui responsabilidades de modo coerente com o dever compartilhado da educação.

PAIS OU RESPONSÁVEIS

O primeiro grupo destinatário é o dos pais ou responsáveis, pois o ambiente familiar influencia variáveis ligadas à rotina de estudos, ao acompanhamento da trajetória escolar, ao estímulo à continuidade dos estudos e ao acesso a recursos como computador e Internet.

(Em todas as menções a pai, mãe ou pais, entende-se também os responsáveis, mesmo que estes não estejam explícitos.)

PROFESSORES

O segundo grupo é o dos professores e profissionais escolares, pois são eles que convivem mais diretamente com os estudantes no cotidiano pedagógico e podem perceber sinais de risco, atraso escolar, queda de desempenho, desengajamento e outras manifestações precoces de vulnerabilidade.

GESTORES PÚBLICOS

O terceiro grupo é o dos gestores públicos cearenses, especialmente no âmbito das secretarias municipal e estadual de educação, porque lhes cabe a formulação de políticas compensatórias, a alocação de recursos, a priorização de escolas e a criação de programas de apoio.



“Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (Constituição Federal de 1988)





DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA

O problema que se enfrenta é o baixo desempenho no Enem, em especial nos estratos mais vulneráveis da sociedade, que concentra a maior parte das notas baixas no Exame. Como já foi enfatizado, a nota é utilizada como forma tanto de avaliação do ensino básico quanto de acesso ao ensino superior. Contudo, é prática comum das escolas privadas a atuação em busca do alto desempenho no Exame, o que, mesmo com as políticas de cotas, dificulta a entrada do aluno de escola pública nos cursos de graduação (De Souza et al., 2022). Por conseguinte, surge a necessidade de adoção de medidas que viabilizem a obtenção de notas mais elevadas.

De acordo com os resultados da pesquisa de Dantas, Ferreira e Soares (2025), os aspectos socioeconômicos exercem relevante influência sobre o desempenho do aluno no Enem. Por exemplo, o acesso a recursos tecnológicos, a renda familiar e a idade do estudante ao fazer o Enem são estatisticamente significativos na busca por melhores resultados. Diante disso, o público

que recebe maior impacto negativo é aquele que se encontra em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica.

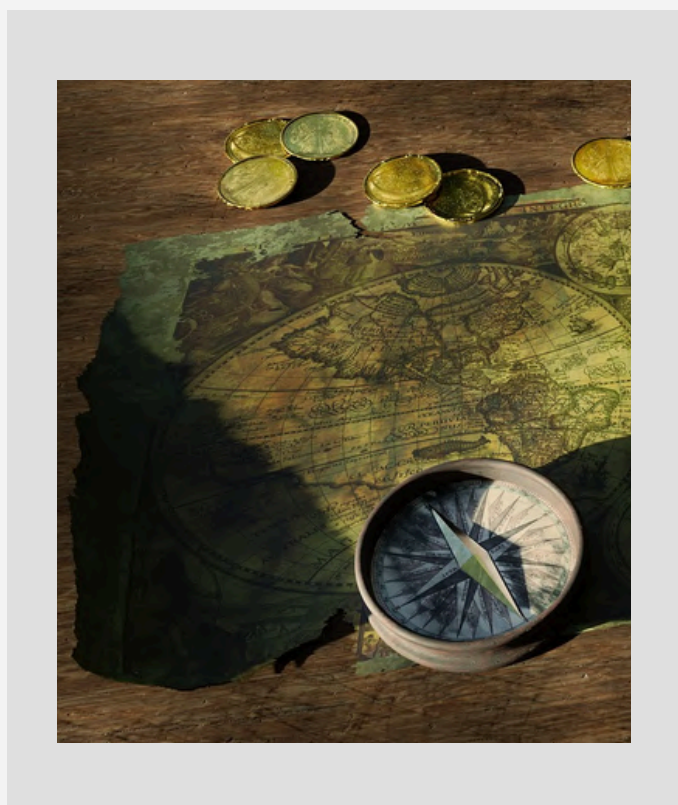
Uma das maiores vertentes desse problema reside na barreira imposta ao aluno pertencente aos setores mais vulneráveis da sociedade quando ele tenta ingressar no ensino superior. As graduações mais valorizadas – e, automaticamente, as mais concorridas – são virtualmente inviáveis para o aluno que não obtém nota alta no Enem.

Como consequência direta dessa condição, um relevante segmento da sociedade não é alcançado pela educação pública de qualidade. Isso se torna um problema ainda mais grave quando se pensa na dimensão do gasto público, com aumento de despesas para custear cursos privados para alunos que não alcançam a universidade pública. Pode-se mencionar, ainda, a necessidade de deslocamento para outras regiões, quando o aluno não consegue vaga em instituição mais próxima de onde vive.

OBJETIVOS DA PROPOSTA

OBJETIVO GERAL

Promover a identificação e a prevenção da vulnerabilidade de estudantes cearenses ao baixo desempenho no Enem, oferecendo orientações destinadas a pais ou responsáveis, professores e gestores públicos, elaboradas a partir da compreensão do problema evidenciado pelos microdados do estado do Ceará.



OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Converter os achados da pesquisa acadêmica em linguagem aplicada e acessível aos destinatários do produto. Estruturar um índice básico de vulnerabilidade ao baixo desempenho no Enem, com função orientadora e preventiva.

Estimular a adoção de medidas antecipatórias voltadas à redução de desvantagens educacionais.

Contribuir para o aumento das oportunidades de acesso ao ensino superior por estudantes cearenses, especialmente os oriundos de escolas públicas, mediante a apresentação de roteiros de atuação para pais ou responsáveis, professores e gestores públicos.

DIAGNÓSTICO E ANÁLISE

Este PTT se apoia nos resultados da pesquisa **Fatores Socioeconômicos Determinantes da Nota no Enem: Uma Análise dos Microdados do Ceará de 2014 a 2023** (Dantas; Ferreira; Soares, 2025). A pesquisa utilizou metodologia quantitativa, descritiva, com levantamento de dados e análise por regressão linear, identificando fatores estatisticamente significativos associados ao desempenho dos participantes cearenses no Enem. Segundo os resultados da investigação, estão associados a maiores notas no Enem fatores como:

- ter computador em casa;
- ter acesso à Internet em casa;
- prestar o exame em idade mais adequada;
- pertencer a família com renda mais elevada;
- ter pais com maior escolaridade;
- possuir pais inseridos em ocupações mais qualificadas;
- ser oriundo de escola privada;
- ter concluído o ensino médio nos três anos anteriores à prova;
- ser pessoa de cor branca.

A pesquisa também destacou que a renda familiar foi a variável de maior impacto preditivo entre todas as estudadas. Em 2023, a mudança da baixa renda para a alta renda esteve associada a nota 34,66% superior (Dantas; Ferreira; Soares, 2025).

Esses achados não autorizam leitura determinista do desempenho estudantil. O que os dados demonstram é a existência de padrões estatísticos de vulnerabilidade. Esses padrões são úteis para fins de prevenção, planejamento e compensação de desigualdades.

O produto aqui proposto trata o desempenho educacional como uma realidade condicionada por um conjunto de

fatores sociais, econômicos, culturais e institucionais. Essa abordagem encontra respaldo em estudos sobre desigualdade educacional, os quais mostram que recursos familiares, capital cultural, ambiente doméstico, tempo disponível para estudo, infraestrutura escolar e características territoriais influenciam o percurso acadêmico.

Também é relevante destacar que, neste PTT, prevenir significa a identificação precoce de situações que, se negligenciadas, tendem a comprometer o desempenho do aluno no Enem. A prevenção supõe observação, escuta, acompanhamento e articulação entre diferentes atores. Famílias, professores e gestores não atuam em esferas isoladas; ao contrário, sua coordenação é decisiva para interromper trajetórias de agravamento da vulnerabilidade educacional.

Por fim, o guia pode ser compreendido como tecnologia social e gerencial. É social porque busca resolver, de forma prática, um problema público relacionado à desigualdade de oportunidades educacionais. E é gerencial porque oferece subsídios para organizar ações, priorizar casos, estruturar acompanhamento e qualificar processos decisórios em escolas e redes de ensino. Seu valor não está em sofisticadas exigências técnicas, mas em seu potencial de aplicação, que abrange tanto a identificação de fragilidades quanto a aplicação de técnicas para enfrentamento dessas fragilidades.



PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

O produto final deste trabalho consiste em um guia prático de reconhecimento e enfrentamento preventivo da vulnerabilidade ao baixo desempenho no Enem, destinado a três públicos diretamente envolvidos na trajetória escolar dos estudantes: pais ou responsáveis, professores e gestores públicos cearenses.

Trata-se de um material textual estruturado, de linguagem acessível, com finalidade orientadora e preventiva. Seu diferencial reside em combinar dois elementos nem sempre articulados: de um lado, a fundamentação em evidências obtidas por pesquisa; de outro, a preocupação com a utilidade concreta do material para usuários não especializados.

O guia foi concebido para cumprir quatro funções principais.

A primeira função é diagnóstica, no sentido de auxiliar os usuários a reconhecerem fatores e sinais de vulnerabilidade que podem passar despercebidos ou ser interpretados apenas como desinteresse, desorganização ou falta de esforço do estudante. Ao explicitar que determinadas dificuldades podem estar ligadas a condições socioeconômicas, familiares e institucionais, o produto amplia a capacidade de leitura da realidade.

A segunda função é preventiva, uma vez que busca estimular intervenções antes que a vulnerabilidade se converta em baixo desempenho consolidado ou em afastamento progressivo do projeto educacional. O guia enfatiza a importância do acompanhamento precoce, da comunicação entre família e escola e da adoção de medidas de suporte compatíveis com cada contexto.

A terceira função é pedagógico-gerencial, pois oferece referências para organização de ações no âmbito escolar e da gestão pública. Isso inclui a possibilidade de uso do material em reuniões pedagógicas, formações, planejamento escolar, acompanhamento de estudantes concluintes do ensino médio e desenho de estratégias focalizadas.

A quarta função é comunicativa, já que o guia atua como instrumento de mediação entre a linguagem da pesquisa e a linguagem da prática. Ele permite que resultados acadêmicos sejam apropriados por públicos mais amplos, reduzindo a distância entre produção de conhecimento e tomada de decisão.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DESTE GUIA

As sugestões e orientações contidas neste Guia se baseiam em teorias reconhecidas na área da educação, e foram redigidas de forma simples e direta. As ações não se limitam a essas teorias, e não se pretende produzir um amplo trabalho destacando o histórico das pesquisas sobre o tema. Mesmo assim, são alguns dos fundamentos para as ações sugeridas:

Escola, Família e Comunidade: acompanhamento familiar consistente tende a melhorar engajamento, desempenho e permanência escolar. Os pais presentes no cotidiano escolar dos filhos; voluntarismo entre família e estudante; o estudo que continua existindo enquanto o aluno está em casa; os pais que participam das decisões da escola; a integração de membros da comunidade na vida escolar (Epstein, 2011, pp. 7-9).

Teoria do desenvolvimento de funções executivas: a atuação do aluno por determinação própria, exercendo controle sobre seu comportamento e o processamento de informações. Em suma, trata-se da autonomia do estudante, que atua com objetivos, metas; esse aluno consegue identificar o que está dando certo, descartando ou encontrando outras estratégias para o que não está dentro do esperado, sem perder o foco do seu objetivo (Marques; Amaral; Pântano, 2022, p. 78).

Perrenoud e a diferenciação pedagógica: a renovação curricular, por si só, não cria condições da igualdade dos conhecimentos adquiridos; “sempre haverá alunos rápidos, interessados, ativos [...], e outros que, nas mesmas condições, aprenderão menos rapidamente, menos facilmente, menos seguramente, menos duradouramente”. Em seus Ciclos de Aprendizagem, Perrenoud defende que, em vista das diferenças entre os alunos, “convém propor-lhes situações de aprendizagem diferentes [...] sempre que isso for pertinente”. Essa variabilidade de resultados exige que haja estratégias pedagógicas específicas, voltadas a cada perfil de aluno (Perrenoud, 2003, pp. 103-104).

Bourdieu e a desigualdade social: crítica ao sistema educacional francês, responsável pela manutenção e reprodução das desigualdades sociais. Esse autor entende que estudantes originários das classes detentoras de mais capital cultural são mais bem-sucedidos no sistema escolar e na carreira profissional. Bourdieu toca de frente o sistema educacional francês, tido como democrático e igualitário. Além disso, reconhece a relevância da família sobre a vida escolar dos filhos (Bourdieu, 1992, pp. 81-82).

Behaviorismo: conjunto de ideias sobre a análise do comportamento; o behaviorismo propriamente dito não é ciência, mas filosofia da ciência do comportamento (Baum, 2019, p. 3).

Teoria sociocultural de Vygotsky: enfoca o processo de desenvolvimento como uma interação entre o indivíduo e a sociedade, entre a interiorização e a atividade do indivíduo, ou entre o sujeito e o objeto do conhecimento (Castorina; Baquero, 2007, p. 10).

Zona de Desenvolvimento Próximo (ZDP): a distância entre o que um aluno pode fazer sozinho e o que ele pode fazer com ajuda. Essa teoria parte do princípio de que há habilidades que o aluno já detém, e outras que ele ainda precisa adquirir. Os dois limites são o nível de desenvolvimento real e o potencial. A aprendizagem antecede parte do desenvolvimento, sendo que o ensino eficaz ocorre um passo à frente das capacidades já consolidadas. O ensino eficaz ocorre dentro dessa zona do que pode ser feito para aquisição de conhecimentos. Esse trabalho pode ser feito com auxílio de um professor, um colega mais capaz, um tutor, um adulto etc. A interação social é extremamente relevante para o desenvolvimento cognitivo (Vygotsky, 1978, pp. 84-91).

Barry Zimmerman e a autonomia do estudante: está no centro, aqui, a ideia de ajudar o aluno a aprender como se desenvolver sozinho; as funções que ajudam o aluno na busca por melhor desempenho como a autorregulação, e, por isso, a importância de dar-lhe o suporte para o desenvolvimento de hábitos, rotina (Zimmerman, 2002).

Bernard Lahire: nem sempre alunos oriundos de camadas de baixa renda obtêm notas baixas; e nem sempre alunos de famílias ricas têm bom desempenho. Estudantes que atingem resultados considerados inadequados são aqueles que não possuem formação cultural, treinamento intelectual e comportamento necessários. Em casa, eles não têm ajuda familiar na realização das tarefas escolares (Praxedes, 2021, pp. 123-125).

Aprendizado entre pares: como alunos podem se ajudar, mediante a prática de ensinar outros alunos de posições semelhantes, seja formal, seja informalmente. Quando a tutoria entre pares ou a aprendizagem cooperativa é implementada de maneira criteriosa e deliberada, considerando qual forma de organização melhor se ajusta ao objetivo pretendido, ao contexto e ao público-alvo, e com um grau razoavelmente elevado de fidelidade na implementação, os resultados costumam ser muito bons (Topping, 2005).

Avaliação formativa: importância das avaliações com propósitos claros, aliadas ao feedback compreensível, direto e construtivo, com potencial de levar ao ganho de aprendizado, principalmente para alunos de baixo desempenho (Black; William, 1998).



PRODUTO TÉCNICO

Este Guia se divide em duas partes, sendo a primeira destinada ao diagnóstico de vulnerabilidade, e a segunda, a estratégias de enfrentamento da vulnerabilidade.

PARTE I

Para a criação Índice de Vulnerabilidade no Enem (IVE), parte-se do histórico de dez anos dos alunos cearenses que fizeram o Enem, a partir da pesquisa Fatores Socioeconômicos Determinantes da Nota no Enem: Uma Análise dos Microdados do Ceará de 2014 a 2023 (Dantas; Ferreira; Soares, 2025).

São usados os dados relativos aos seguintes fatores (apresentados com seus respectivos pesos*):

- Renda = 0,237
- Cor/raça = 0,093
- Acesso tecnológico = 0,085
- Escolaridade do pai = 0,107
- Escolaridade da mãe = 0,119
- Ocupação do pai = 0,137
- Ocupação da mãe = 0,117
- Idade = 0,105

Pesos das possibilidades dentro de cada fator*:

Renda

- Alta Renda: 0,000
- Alta Classe Média: 0,139
- Classe Média: 0,401
- Baixa Classe Média: 0,684
- Baixa Renda: 1,000
- Não respondeu: 0,870

Cor

- Amarela: 0,476
- Branca: 0,000
- Indígena: 1,000
- Parda: 0,688
- Preta: 0,612
- Não declarada: 0,730

Recursos

- Sim (Computador e Internet): 0,000
- Sim (Computador): 0,550
- Não: 1,000

Escolaridade do pai

- Ensino Fundamental Incompleto ou Menos: 1,000
- Ensino Médio Incompleto: 0,874
- Ensino Superior Completo ou Mais: 0,000
- Ensino Superior Incompleto: 0,603
- Não sabe ou não respondeu: 0,990

Escolaridade da mãe

- Ensino Fundamental Incompleto ou Menos: 0,847
- Ensino Médio Incompleto: 0,698
- Ensino Superior Completo ou Mais: 0,000
- Ensino Superior Incompleto: 0,432
- Não sabe ou não respondeu: 1,000

Ocupação do pai**

- Grupo 1: 1,000
- Grupo 2: 0,831
- Grupo 3: 0,736
- Grupo 4: 0,314
- Grupo 5: 0,000
- Não respondeu: 0,923

Ocupação da mãe**

- Grupo 1: 1,000
- Grupo 2: 0,807
- Grupo 3: 0,792
- Grupo 4: 0,315
- Grupo 5: 0,000
- Não respondeu: 0,907

Idade do aluno***

- 16 ou menos: 0,000
- 17: 0,180
- 18: 0,315
- 19: 0,264
- 20: 0,206
- 21: 0,387
- 22: 0,769
- 23: 0,932
- 24: 0,963
- 25 ou mais: 1,000

Todos os pesos foram calculados a partir do histórico integral dos alunos cearenses no Enem de 2014 a 2023.

*Os pesos são detalhados no Anexo 4.

**As ocupações são detalhadas no Anexo 2.

***Estimativa de idade do aluno na data do Enem.

A partir dos pesos de cada fator, é possível calcular o Índice de Vulnerabilidade no Enem (IVE) de determinado aluno:

$$\text{IVE} = 100 \cdot (0,237 \text{ Renda} + 0,093 \text{ Cor} + 0,085 \text{ Acesso} + 0,107 \text{ EscolaridadePai} + 0,119 \text{ EscolaridadeMãe} + 0,137 \text{ OcupaçãoPai} + 0,117 \text{ OcupaçãoMãe} + 0,105 \text{ Idade})$$

Dessa forma, cada fator socioeconômico é ponderado, permitindo chegar ao valor do índice de vulnerabilidade:

- [0, 20]: Baixa Vulnerabilidade
- (20, 40]: Vulnerabilidade Moderada
- (40, 60]: Vulnerabilidade Relevante
- (60, 80]: Alta Vulnerabilidade
- (80, 100]: Extrema Vulnerabilidade

PARTE 2

Esta parte do Guia busca oferecer aos pais, aos professores e aos gestores da educação pública possibilidades de enfrentamento da vulnerabilidade ao baixo desempenho no Enem. Assim, para cada agente, oferta-se uma proposta de atuação, de acordo com a categoria de vulnerabilidade.

As medidas propriamente ditas serão expostas no anexo 3, enquanto aqui são feitas orientações básicas para uso do Guia.

O IVE parte do reconhecimento de que fatores estruturais influenciam o desempenho escolar, mas também assume que a trajetória do estudante pode ser positivamente alterada por ações concretas, viáveis e sustentáveis no cotidiano da família e da escola.

Portanto, o índice não deve ser lido como sentença de sucesso ou fracasso, mas como um instrumento de diagnóstico preventivo. Quanto maior a vulnerabilidade identificada, maior tende a ser a necessidade de organização, acompanhamento familiar, apoio pedagógico e uso de recursos de aprendizagem.

ORIENTAÇÕES AOS PAIS

Há um ponto conceitual muito importante: os pais não precisam mudar a estrutura social da família para melhorar o desempenho do filho. A intervenção deve incidir sobre os fatores modificáveis do cotidiano: rotina, supervisão, leitura, prática, uso inteligente de celular/internet, constância, apoio emocional e acesso a bons materiais gratuitos.

Não é preciso “comprar desempenho”; é preciso acompanhamento e persistência. Porque, na prática, o aluno pode se beneficiar bastante com horário fixo de estudo, uso correto do celular, resolução de questões, leitura e escrita frequentes, monitoramento pelos pais e ajuda de alguém próximo. Esses são alguns dos fatores que podem ajudar a família a conduzir o filho para que ele tenha melhor desempenho no Enem.

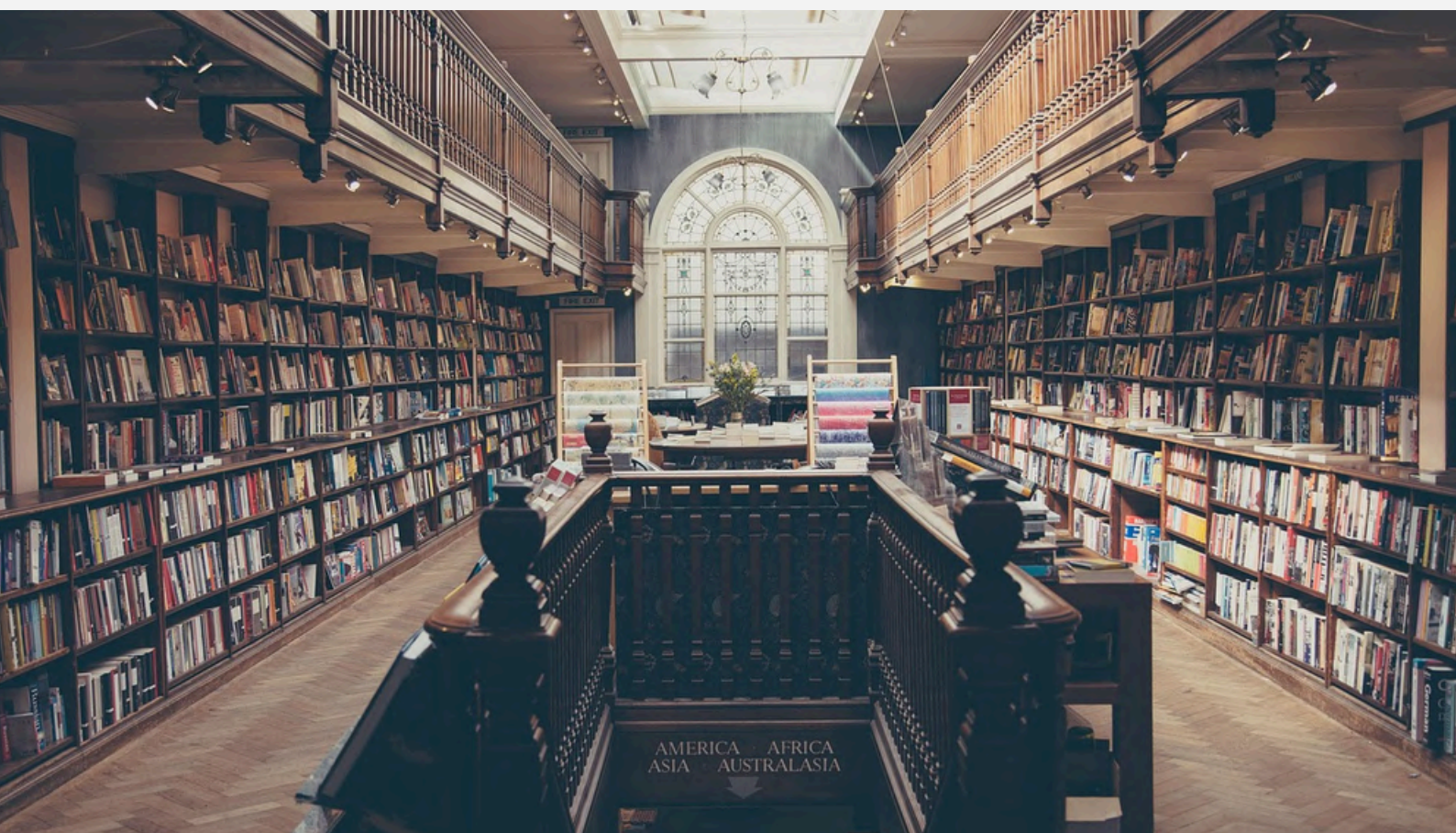
APOIO EXTERNO

- <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>
- <https://pt.khanacademy.org/>
- <https://www.youtube.com/@profe-ssorferretto/videos>
- <https://descomplica.com.br/vestibulares/enem/conteudos-gratuitos/>
- App MEC Enem
- Canais e sites gratuitos voltados ao Enem, com bons conteúdos de português, matemática, biologia, humanas, física e redação. Isso é útil, sobretudo, quando o aluno precisa de explicações curtas e repetíveis. Esses canais podem ser usada como apoio, não como única forma de estudo fora da sala de aula.

Independentemente do IVE, há cinco ações familiares de elevado retorno. Essas ações podem melhorar bastante o desempenho do aluno se forem adotadas com regularidade e empenho.



1. Horário fixo de estudo, mesmo curto, mas estável.
2. Pedir que o aluno forneça evidências do que estudou.
3. Resolução de questões do Enem toda semana.
4. Redação frequente: de preferência, uma por semana.
5. Um adulto monitorando, mesmo sem dominar o conteúdo.



ORIENTAÇÕES AOS PROFESSORES

Enquanto os pais ou responsáveis atuam principalmente sobre rotina, supervisão e constância, o professor atua sobretudo sobre mediação pedagógica, focalização de lacunas, organização do percurso de aprendizagem, monitoramento de risco, ativação de apoio escolar. Então, o índice, na mão do professor, serve menos para rotular e mais para responder a uma pergunta muito concreta: este aluno precisa de que intensidade e de que tipo de mediação pedagógica para reduzir seu risco de baixo desempenho no Enem.

Na tabela abaixo, consta o resumo da atuação do professor, de acordo com cada categoria. Para mais detalhes, ver o anexo 3.

Categoria	Leitura do perfil	Objetivo do professor	Intensidade da intervenção
Baixíssima Vulnerabilidade	Baixo risco estrutural; tende a boa autonomia	Refinar desempenho e evitar acomodação	Muito baixa
Vulnerabilidade Moderada	Fragilidades pontuais e reversíveis	Corrigir lacunas localizadas e consolidar rotina	Baixa
Vulnerabilidade Relevante	Risco já perceptível; necessidade de suporte	Reconstruir base e sustentar continuidade	Média
Alta Vulnerabilidade	Acúmulo de desvantagens e maior risco de baixo desempenho	Evitar desengajamento e fortalecer habilidades centrais	Alta
Extrema Vulnerabilidade	Vulnerabilidade estrutural acentuada	Garantir permanência, base funcional e progresso acumulado	Muito alta

ORIENTAÇÕES AOS GESTORES

No âmbito da gestão escolar, o IVE deve ser compreendido como instrumento de triagem institucional e apoio à alocação racional de esforços pedagógicos. Seu objetivo não é rotular estudantes nem produzir expectativas deterministas sobre desempenho, mas identificar, com base diagnóstica, diferentes intensidades de vulnerabilidade à baixa performance no Enem.

A partir dessa leitura, o índice pode subsidiar decisões relativas à priorização de reforço, monitoria, acompanhamento de redação, articulação com famílias e monitoramento de trajetórias acadêmicas.

O IVE não se destina a hierarquizar estudantes, mas a diferenciar racionalmente a intensidade do apoio escolar necessário.

CINCO AÇÕES DE ELEVADO POTENCIAL:

- Mapear os estudantes por faixa de vulnerabilidade.
- Cruzar o índice com frequência (presença), redação e simulados.
- Priorizar reforço e monitoria para as faixas 61–100.
- Padronizar devolutiva para família e professor: todos falando a mesma língua.
- Acompanhar a evolução por ciclos curtos (a cada bimestre, por exemplo).

Para mais detalhes, ver o anexo 3.

Tratar desigualmente os desiguais, com base em evidência diagnóstica, é condição de maior equidade educacional.



RESPONSÁVEIS PELA INTERVENÇÃO

Este Guia foi desenvolvido de forma que possa ser aplicado individual ou coletivamente, de acordo com a situação. Assim, cabe a cada interessado aplicá-lo em seu contexto. Além disso, existe completa autonomia para uso do Guia sem acompanhamento, e das partes que cada usuário julgar úteis - mas a forma sugerida de uso é a aplicação do IVE e das orientações específicas ao que for diagnosticado.

Pais ou responsáveis

Pais e responsáveis constituem o maior público potencial para este Guia, podendo aplicá-lo independentemente da condição de seus filhos. Em especial, as páginas 15, 16, 25-27, além da planilha a ser acessada pelo *link* constante no Anexo 2, que permite calcular o IVE.

Professores

Este Guia foi planejado para que professores tenham nele uma ferramenta para planejamento da atuação com alunos ou grupos de alunos específicos. Além da planilha de cálculo do IVE, os professores podem acessar as sugestões a eles destinadas nas páginas 17, 28-30.

Gestores escolares

Responsáveis pela administração escolar, como secretários, coordenadores e diretores têm, neste Guia, uma sugestão de atuação complementar. Reitera-se que não se pretende, aqui, oferecer um modo único de agir, mas uma proposta para aplicação nas escolas, desde que haja viabilidade. Aos gestores, sugere-se leitura integral do Guia, e, em especial, das páginas 18, 31-33.



REFERÊNCIAS

- BAUM, William M. **Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2019.
- BLACK, Paul; WILIAM, Dylan. Assessment and classroom learning. **Assessment in Education**, Londres, v. 5, n. 1, p. 7–74, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 abr. 2026.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 23 abr. 2026.
- CASTORINA, José A.; BAQUERO, Ricardo J. **Dialética e psicologia do desenvolvimento: o pensamento de Piaget e Vygotsky**. Porto Alegre: ArtMed, 2007.
- DA SILVEIRA, Fernando Lang; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes; DA SILVA, Roberto. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): Uma análise crítica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, v. 37, n. 1, 1101, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-11173710001>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- DANTAS, Cezar Gomes; FERREIRA, Kilvia Souza; SOARES, Marilene Feitosa. Fatores Socioeconômicos Determinantes da Nota no Enem: Uma Análise dos Microdados do Ceará de 2014 a 2023. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, vol. 44, p. 98-121, 2025. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/3832>. Acesso em: 17 abr. 2026.
- DE SOUZA, Adeilson Elias; SANTOS, Luiza Mikaela de Sá; LARRUSCAIM, Igor de Menezes; BESARRIA, Cássio da Nobrega. Determinantes do Desempenho no ENEM na Região Nordeste: Uma Análise de Dados em Painel do Período de 2015 a 2019. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 15, n. 4, p. 690 –711, 2022. Disponível em: <https://revistaaber.org.br/rberu/article/view/915>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- DUTRA, Janderson Ferreira; FIRMINO JÚNIOR, João Batista; FERNANDES, Damires Yluska de Souza. Fatores que podem interferir no desempenho de estudantes no ENEM: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, Porto Alegre, v. 31, p. 323–351, 2023. Disponível em: <https://journals-sol.sbc.org.br/index.php/rbie/article/view/3087>. Acesso em: 08 fev. 2025.
- EPSTEIN, Joyce L. **School, family, and community partnerships: preparing educators and improving schools**. Boulder: Westview Press, 2011.
- LIKERT, Rensis. **A Technique For the Measurement of Attitudes**. Archives of Psychology, Nova Iorque, v. 22, p. 5-55, 1932.
- LIMA JUNIOR, Paulo; FRAGA JUNIOR, Jailton Correia. Qual é o Efeito da Desigualdade Social no Desempenho em Ciências dos Estudantes Brasileiros? Uma Análise do Exame Nacional do Ensino Médio (2012–2019). **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 26 (1), p. 110-126, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2021v26n1p110>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- MAIA, Flora de Paula Gonçalves Holanda; KARRUZ, Ana Paula. “ENEM, Chego Junto, Chego Bem”: Promoção da Transição para a Educação Superior nas Escolas Estaduais do Ceará, Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [S. l.], vol. 31, n. 18, 2023. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/7183/2993>. Acesso em: 23 jan. 2025.

MARQUES, Ana Paula P.; AMARAL, Alison Vanessa M.; PANTANO, Telma. **Treino de funções executivas e aprendizado**. 2. ed. Barueri: Manole, 2022.

PERRENOUD, Philippe. **Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

PRAXEDES, Walter; PILETTI, Nelson. **Principais correntes da Sociologia da Educação**. São Paulo: Contexto, 2021.

TOPPING, Keith. **Trends in peer learning**. *Educational Psychology*, v. 25, n. 6, p. 631–645, 2005.

TORRES, Ronaldo; DE PEREIRA, Mateus Machado; BENDER FILHO, Reisoli; LISBINSKI, Fernanda Cigainski. Determinantes do Desempenho dos Participantes da Prova do Enem: Evidências para o Rio Grande do Sul. **Revista Desenvolvimento em Questão**, ano 16, n. 45, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/10588>. Acesso em: 23 jan. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes**. Londres: Harvard University Press, 1978.

ZIMMERMAN, Barry J. Becoming a self-regulated learner: an overview. **Theory Into Practice**, v. 41, n. 2, p. 64–70, 2002.

Anexo 1

O Índice de Vulnerabilidade no Enem (IVE) pode ser acessado no Google Planilhas pelo *link* abaixo:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1sj0mttOoDN3ix4LIK27NNsRF7hFhJWH2zWBUzGkne8c/edit?usp=sharing>

Ao acessar a planilha, será possível criar uma cópia dela, que poderá ser usada *online*, ou fazer seu *download*, para uso com programas como o Microsoft Office Excel ou o LibreOffice Calc. Assim, cada usuário poderá usar a ferramenta da forma mais conveniente.



Anexo 2

O Inep, responsável pelo Enem, categoriza as ocupações em grupos, os quais são detalhados abaixo:

Grupo	Ocupação
Grupo 1	Lavrador, agricultor sem empregados, boia-fria, criador de animais (gado, porcos, galinhas, ovelhas, cavalos etc.), apicultor, pescador, lenhador, seringueiro, extrativista.
Grupo 2	Diarista, empregado doméstico, cuidador de idosos, babá, cozinheiro (em casas particulares), motorista particular, jardineiro, faxineiro de empresas e prédios, vigilante, porteiro, carteiro, office-boy, vendedor, caixa, atendente de loja, auxiliar administrativo, recepcionista, servente de pedreiro, repositor de mercadoria.
Grupo 3	Padeiro, cozinheiro industrial ou em restaurantes, sapateiro, costureiro, joalheiro, torneiro mecânico, operador de máquinas, soldador, operário de fábrica, trabalhador da mineração, pedreiro, pintor, eletricista, encanador, motorista, caminhoneiro, taxista.
Grupo 4	Professor (de ensino fundamental ou médio, idioma, música, artes etc.), técnico (de enfermagem, contabilidade, eletrônica etc.), policial, militar de baixa patente (soldado, cabo, sargento), corretor de imóveis, supervisor, gerente, mestre de obras, pastor, microempresário (proprietário de empresa com menos de 10 empregados), pequeno comerciante, pequeno proprietário de terras, trabalhador autônomo ou por conta própria.
Grupo 5	Médico, engenheiro, dentista, psicólogo, economista, advogado, juiz, promotor, defensor, delegado, tenente, capitão, coronel, professor universitário, diretor em empresas públicas ou privadas, político, proprietário de empresas com mais de 10 empregados.
Não respondeu	Aluno não sabe ou não respondeu.

Anexo 3

Neste anexo, apresentam-se as sugestões para cada grupo de destinatário: pais ou responsáveis, professores e gestores. Cada usuário encontrará sugestões voltadas especialmente aos alunos que se enquadram nas cinco categorias de vulnerabilidade, de forma que cada usuário tenha sugestões pensadas exatamente para sua situação.

Para cada categoria, a sugestão aborda o perfil do aluno, o objetivo, as ações e uma síntese.

Além disso, todo o conteúdo deste anexo está compreendido na planilha disponibilizada no anexo 1 (*link* abaixo), de modo que, quando ela é preenchida, é exibida imediatamente a sugestão específica para o caso em questão.

No caso de vários alunos (todos os alunos de uma turma, ou de uma escola, ou de um município), a análise pode ser feita considerando a média de suas características. Ou seja, as ações a serem adotadas dependem das características mais comuns dos alunos desse grupo. Assim, é possível oferecer atendimento personalizado com base no perfil médio desses alunos.

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1sj0mttOoDN3ix4L1K27NNsRF7hFhJWH2zWBUzGkne8c/edit?usp=sharing>



SUGESTÕES AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

CATEGORIA 1 — 0 a 20 Baixa Vulnerabilidade

1) Perfil do aluno

O aluno apresenta boa base estrutural para os estudos. Em geral, conta com mais recursos familiares, escolares e acadêmicos de apoio. O risco principal é a acomodação, a irregularidade e o desperdício de potencial.

2) Objetivo da família

O foco é transformar potencial em alto desempenho. Em outras palavras, este grupo precisa menos de socorro e mais de direção, consistência e refinamento.

3) Ações práticas para os pais

a) Exigir regularidade, não intensidade teatral. Muitos alunos “bons” estudam só quando sentem culpa, e isso não dá os melhores resultados. Trata-se de manutenção da busca pela qualidade, e isso passa pelo estudo regular, pelo menos uma hora fora da sala de aula, cinco ou seis dias por semana.

b) Acompanhar os filhos durante dez ou 15 minutos por dia. Exemplo de acompanhamento ativo: “O que você estudou hoje?”, “Qual assunto você errou mais?”, “Em qual matéria você está tendo mais dificuldade?”, “Você respondeu questão, ou apenas assistiu às aulas?”.

c) Impor o tripé correto: o aluno precisa fazer, toda semana, teoria, resolver questões e elaborar redação.

d) Não permitir que o filho “deixe a redação para depois”.

4) Síntese da conduta familiar

Para este grupo, o ganho vem de organização e refinamento, não de remediação.

CATEGORIA 2 — 21 a 40 Vulnerabilidade Moderada

1) Perfil do aluno

O aluno apresenta alguns fatores de risco, mas possui margem muito concreta de bom desempenho, e pode melhorar bastante com intervenções simples.

2) Objetivo da família

O foco é evitar que pequenas fragilidades virem lacunas acumuladas. As ameaças principais podem ser a falta de rotina de estudos, a falta de cobrança, o estudo sem método, a baixa prática de questões e a negligência da redação.

3) Ações práticas para os pais

a) Criar um horário fixo não negociável: a família deve definir uma carga horária diária de estudo.

b) Cobrar evidência concreta de estudo. Os pais devem exigir dos filhos: caderno preenchido, lista de exercícios resolvidos, foto da redação, resumo escrito.

c) Criar uma rotina semanal mínima, contemplando as matérias em que os filhos tiverem mais dificuldade.

d) Introduzir leitura semanal obrigatória, o que gera ganhos na capacidade de interpretação, repertório e redação.

e) Usar o celular a favor. Se o aluno já usa muito o celular, a solução realista não é proibir tudo, mas converter parte do uso em estudo.

f) Dar *feedback* aos professores: conversar sobre o desempenho dos filhos, sobre pontos fortes e fracos etc.

4) Síntese da conduta familiar

Para este grupo, o ganho vem de método e vigilância leve, porém constante.

CATEGORIA 3 — 41 a 60

Vulnerabilidade Relevante

1) Perfil do aluno

O aluno pode apresentar combinação clara de desvantagens. Frequentemente, não basta mandar estudar: ele precisa de estrutura externa. É o aluno que “até tenta, mas não rende”, ou que “não sabe por onde começar”.

2) Objetivo da família

O foco é construir base, criar rotina real e impedir abandono silencioso dos estudos. Esse grupo precisa de ação mais constante, mais firme, de mais presença dos pais ou responsáveis e suporte externo.

3) Ações práticas para os pais

a) Acompanhamento diário curto e obrigatório. O ideal é um adulto acompanhar 20 a 30 minutos por dia, mesmo sem dominar o conteúdo. O adulto pode ver se o aluno está realmente estudando, se está entendendo.

b) Montar um estudo de base. Muitos alunos dessa faixa podem fracassar porque falta o conhecimento básico das matérias. Por isso, os pais devem incentivar o aluno a rever conteúdos mais básicos, de forma a reduzir essas necessidades.

c) Escolher poucas frentes prioritárias, não forçar o aluno a estudar tudo ao mesmo tempo.

d) Nomear um adulto de referência para acompanhar os estudos do filho. Por exemplo, primo, tia, vizinho confiável, professor conhecido, colega mais velho, membro de igreja/comunidade, estudante universitário da família etc. O aluno não pode ficar intelectualmente sozinho, ele precisa de apoio constante.

e) Fazer monitoramento semanal do que foi feito. Uma vez por semana, a família deve verificar quantas horas o filho estudou, quantas questões ele fez, quantas redações escreveu, quais matérias estão difíceis.

4) Síntese da conduta familiar

Para este grupo, o ganho vem de reconstrução de base e supervisão real.

CATEGORIA 4 — 61 a 80

Alta Vulnerabilidade

1) Perfil do aluno

O aluno está em faixa de alto risco educacional, o que significa que sofre risco de ter nota baixa no Enem. Em geral, aqui há acúmulo de fatores: renda mais baixa, menor capital escolar familiar, menos apoio acadêmico, histórico de fragilidade de aprendizagem, e, às vezes, defasagem escolar.

2) Objetivo da família

O foco aqui não deve ser a perfeição, mas impedir desorganização, fortalecer o básico e garantir continuidade. O maior inimigo desse aluno é a descontinuidade, o desânimo, a sensação de incapacidade, o estudo caótico, a falta de adulto organizador.

3) Ações práticas para os pais

a) Criar “presença acadêmica” em casa. Mesmo quando os pais ou responsáveis não conseguem ensinar, eles podem criar um ambiente em que o estudo existe de verdade. Exemplos que podem dar bons resultados: desligar a televisão e outras distrações durante o horário de estudo; pedir silêncio por uma hora; garantir mesa fixa para os estudos; verificar a iluminação do local e materiais a serem utilizados; cobrar cumprimento do horário de estudo.

b) Reduzir metas para torná-las executáveis. Ou seja, adotar um plano simples, mas que funcione na prática, que tenha progresso visível. Os pais podem ajudar perguntando: “Quantas questões você acertou hoje?”, “Você melhorou em relação à semana passada?”, “Conseguiu terminar a redação?” A lógica é progresso pequeno, mas contínuo.

c) Buscar ajuda externa gratuita: professor acessível da escola, monitoria, colega forte na matéria, estudante universitário conhecido, grupos de estudo, reforço comunitário, biblioteca pública ou escola com espaço de estudo.

d) Controlar dispersão digital. Verificar se o celular e outras distrações eletrônicas estão sendo usados para os estudos, ou só para entretenimento.

4) Síntese da conduta familiar

Para este grupo, o ganho vem de estrutura, constância e ajuda externa concreta.

CATEGORIA 5 — 81 a 100

Extrema Vulnerabilidade

1) Perfil do aluno

Esta é a faixa em que estão os alunos de maior vulnerabilidade estrutural. O aluno tende a precisar de apoio mais intenso e organizado.

2) Objetivo da família

O objetivo aqui é evitar a desistência e consolidar base, criar rotina mínima estável e produzir ganho acumulado. Em termos reais, este aluno exige menos volume, mas mais foco no que dá para fazer de modo consistente.

3) Ações práticas para os pais

a) Tornar o estudo uma atividade assistida. Aqui, o aluno pode estudar sozinho em alguns momentos, mas precisa ter alguém que acompanhe, que cobre, que revise se ele fez, que veja se ele entendeu o básico. Se os pais não puderem fazer isso integralmente, precisam de apoio externo.

b) Criar um núcleo mínimo de aprovação. Ao invés de tentar abarcar tudo, a família pode organizar o estudo em torno de quatro eixos: leitura e interpretação; matemática básica; redação; e questões do próprio Enem.

c) Fazer plano de estudo enxuto e rígido. Por exemplo, uma hora nos dias úteis, duas horas no sábado, folga ou revisão leve no domingo. Mais importante do que volume: não quebrar a sequência.

d) Exigir prova física do esforço. Esse grupo precisa de acompanhamento permanente.

e) Ativar rede de apoio. Essa é talvez a orientação mais importante dessa categoria. A família deve tentar garantir pelo menos uma pessoa de apoio escolar. Pode ser uma pessoa da família, um universitário da vizinhança, um professor parceiro, um colega mais avançado, um membro da comunidade religiosa, um voluntário. A pergunta prática é: quem pode caminhar academicamente com esse aluno?

4) Síntese da conduta familiar

Para este grupo, o ganho vem de apoio intensivo, base mínima bem cuidada e persistência assistida.



SUGESTÕES AOS PROFESSORES

CATEGORIA 1 — 0 a 20 Baixa Vulnerabilidade

1) Perfil do aluno

O aluno apresenta baixo risco estrutural. Em geral, tende a reunir condições mais favoráveis de apoio familiar, continuidade escolar, recursos e trajetória acadêmica. Isso não significa que terá excelente desempenho automaticamente, mas indica que ele tende a precisar de pouca intervenção corretiva e mais de direcionamento de alto rendimento. O risco principal é a acomodação, a falta de aprofundamento.

2) Objetivo do professor

O foco do professor é refinar desempenho, ampliar repertório e sustentar consistência de alto nível. Ou seja, a meta é transformar bom potencial em resultado efetivo, evitar dispersão, elevar padrão de exigência sem intervenção intensiva.

3) Ações práticas do professor

a) Não abandonar o aluno que estuda sozinho. É um grupo de alunos que podem estagnar, perder ritmo, estudar mal apesar de ter bons resultados escolares.

b) Propor tarefas de aprofundamento. Esse aluno pode se beneficiar de questões de maior complexidade, leitura complementar, redações mais exigentes, interpretação mais refinada, simulações de prova com pressão de tempo. A ideia é manter desafio cognitivo. Se o aluno estiver sempre acertando tudo, ele pode parar de crescer.

c) Estimular autonomia acadêmica real. O professor pode exigir que o aluno monte seu próprio plano de revisão, identifique seus erros recorrentes.

d) Usar o aluno como apoio acadêmico eventual, sem transformá-lo em monitor informal. Esse aluno pode ajudar colegas em dupla, explicar resolução, participar de grupos de revisão. Isso ajuda a consolidar a aprendizagem.

4) Síntese pedagógica

Para esta faixa, a atuação docente é de manutenção qualificada e elevação de teto, não de remediação.

CATEGORIA 2 — 21 a 40 Vulnerabilidade Moderada

1) Perfil do aluno

O aluno apresenta alguns fatores de risco, mas ainda está em zona bastante favorável. Normalmente, esse aluno consegue acompanhar boa parte das atividades; pode ter oscilação, mas não colapso generalizado. É um grupo em que a ação docente pode render bastante com baixo custo.

2) Objetivo do professor

O foco aqui é impedir que fragilidades localizadas se acumulem e comprometam o desempenho futuro. Isso significa identificar cedo o que começa a falhar, de forma a contornar possíveis problemas.

3) Ações práticas do professor

a) Monitorar padrões de erro. O professor deve observar quais habilidades aparecem com erro recorrente: se o problema é conteúdo, leitura, atenção ou método.

b) Fazer devolutivas objetivas. Ao invés de apenas corrigir, vale dizer com clareza como melhorar.

c) Prescrever treino focalizado, estabelecendo possibilidades de estudo fora da sala de aula. A precisão da orientação faz diferença.

d) Estimular autocorreção e revisão. Esse aluno pode ser ensinado a revisar o próprio erro, registrar dificuldades, criar caderno de falhas, separar assuntos com maior incidência de erro.

4) Síntese pedagógica

Para esta faixa, a atuação docente é preventiva e focalizada: pouco volume, boa precisão.

CATEGORIA 3 — 41 a 60

Vulnerabilidade Relevante

1) Perfil do aluno

Aqui o aluno já apresenta combinação mais clara de fatores de risco, e isso costuma aparecer na prática: lacunas mais persistentes; oscilação de rendimento; dificuldade de sustentar estudo autônomo; menor aproveitamento das atividades comuns da turma. É o perfil de aluno que, sem apoio mais deliberado, não avança na velocidade necessária para o Enem.

2) Objetivo do professor

O foco é reconstruir base, aumentar aderência ao estudo e evitar progressiva desconexão com a aprendizagem exigida pelo Enem. Em outras palavras, o professor não deve assumir que esse aluno vai se ajustar sozinho, pelo contrário, ele precisa de intervenção de sustentação.

3) Ações práticas do professor

a) Identificar as duas ou três lacunas centrais. O professor não precisa resolver problemas da vida escolar inteira do aluno, mas precisa localizar e atuar para reduzir os principais gargalos.

b) Trabalhar com metas pequenas e verificáveis. Esse aluno pode se beneficiar muito mais de metas como: “acertar 6 de 10 questões”, “fazer uma redação por quinzena”. Essas metas podem funcionar melhor do que de comandos vagos como “estude mais”.

c) Oferecer rota de recuperação paralela. O professor pode indicar uma trilha simples de retomada: vídeo específico, exercício de base, revisão orientada. Não precisa ser uma rota sofisticada, mas ela precisa ser executável.

d) Promover dupla pedagógica ou estudo entre pares. Uma estratégia muito útil é parear esse aluno com outro que tenha melhor domínio de determinados conteúdos, desde que isso seja feito com cuidado e sem humilhação.

e) Acionar a família de forma objetiva. Não adianta chamar a família apenas para dizer que o aluno precisa estudar. É mais útil dizer algo concreto, focado nas necessidades específicas do aluno. A família ajuda melhor quando recebe tarefas observáveis.

4) Síntese pedagógica

Para esta faixa, a atuação docente deve ser estruturante: localizar lacunas, reduzir dispersão e sustentar continuidade.

CATEGORIA 4 — 61 a 80

Alta Vulnerabilidade

1) Perfil do aluno

O aluno se encontra em zona de risco educacional elevado para baixa performance no Enem. Em sala, isso pode aparecer como: baixo engajamento acadêmico, dificuldade de acompanhar o ritmo médio, baixa confiança, estudo pouco autônomo, maior chance de desistência silenciosa.

2) Objetivo do professor

O foco aqui é evitar desengajamento, reconstruir o essencial e manter o aluno academicamente conectado ao percurso de aprendizagem. Em termos práticos, a meta é garantir base mínima, preservar vínculo com o estudo.

3) Ações práticas do professor

a) Não tratar o aluno apenas pelo déficit. Esse grupo costuma já ter histórico de correção punitiva, comparação e desvalorização. O professor precisa manter exigência, mas com estratégia: corrigir sem esmagar, cobrar sem humilhar, orientar sem ironizar.

b) Priorizar habilidades de maior retorno. O professor deve concentrar energia em competências de maior impacto, que tendem a gerar mais retorno, do que tentar ser abrangente demais.

c) Fragmentar tarefas. Tarefas muito grandes podem simplesmente não acontecer.

d) Encaminhar para apoio complementar sempre que houver possibilidade, se a escola tiver monitoria, reforço, plantão de dúvidas, projeto de tutoria.

e) Tornar visível o progresso. Quando o aluno percebe melhora concreta, a adesão cresce. O professor pode mostrar aumento de acertos, evolução da redação, melhora de leitura, conclusão de tarefas antes evitadas.

4) Síntese pedagógica

Para esta faixa, a atuação docente deve ser intensiva, concreta e sustentadora.

CATEGORIA 5 — 81 a 100

Extrema Vulnerabilidade

1) Perfil do aluno

Este é o grupo de maior vulnerabilidade estrutural no IVE. Na escola, isso frequentemente se associa a múltiplas desvantagens acumuladas, baixa autonomia acadêmica, trajetória escolar fragilizada, risco real de baixa performance persistente.

2) Objetivo do professor:

O foco aqui não é levar o aluno imediatamente ao padrão ideal da prova, porque isso pode ser irrealista no curto prazo. O objetivo racional é garantir permanência acadêmica, consolidar base funcional e produzir progresso mensurável. Ou seja, construir fundamentos, aumentar repertório de acerto, impedir a desistência.

3) Ações práticas do professor

a) Tratar o aluno como caso de acompanhamento prioritário. Esse aluno precisa ser visto como alguém que demanda mais observação, orientação, mediação.

b) Trabalhar com núcleo mínimo de aprendizagem. O professor deve priorizar o que é mais rentável para desenvolver as competências faltantes.

c) Reduzir a carga de abstração inicial. Se o aluno está muito defasado, começar pelo nível esperado da prova integralmente pode gerar bloqueio. O professor deve encontrar o ponto em que será capaz de oferecer o melhor suporte, mas sem sufocar o aluno. Isso não é “baixar a régua”, é viabilizar acesso à régua.

d) Acionar rede escolar e extraescolar. Esse aluno precisa, idealmente, de uma pequena rede de sustentação: coordenação, reforço, professor de apoio, monitor, colega de referência, família.

e) Evitar saturação e fracasso repetido. Se o aluno só experimenta erro, ele tende a se retirar internamente. O professor precisa equilibrar o nível de desafio.

4) Síntese pedagógica

Para esta faixa, a atuação docente deve ser prioritária, protetiva e altamente estruturada.



SUGESTÕES AOS GESTORES

CATEGORIA 1 — 0 a 20 Baixa Vulnerabilidade

1) Perfil do aluno

Esse grupo reúne estudantes com baixo risco estrutural de baixa performance no Enem. Em geral, tende a apresentar melhores condições de continuidade acadêmica, maior previsibilidade de rendimento e menor necessidade de intervenção corretiva intensiva. Na escola pública, esse grupo costuma ser importante porque pode sustentar bons resultados institucionais, e também pode servir como base de liderança acadêmica interna. O risco principal aqui não é exclusão pedagógica, mas subaproveitamento de potencial.

2) Objetivo do gestor escolar

O foco da gestão, nessa faixa, não é resgatar, mas preservar desempenho, ampliar excelência e evitar acomodação institucional. Ou seja, o objetivo é impedir que a escola trate esse grupo apenas como quem já vai bem e, por isso, deixe de investir nele.

3) Ações práticas de gestão

a) Garantir trilhas de aprofundamento. A escola deve criar oportunidades para esse grupo ir além do mínimo curricular, por exemplo: grupos de resolução de questões avançadas, oficinas de redação de alto desempenho, simulados mais exigentes.

b) Usar esse grupo como liderança acadêmica positiva, sem sobrecarregar o aluno: monitoria entre pares, grupos de estudo coordenados, liderança de projetos acadêmicos.

c) Evitar invisibilidade institucional. Muitas escolas concentram energia apenas nos estudantes em maior risco, o que é compreensível, mas pode gerar desperdício de potencial.

4) Síntese gerencial

Para esta faixa, a gestão deve operar por manutenção de excelência e aproveitamento de potencial.

CATEGORIA 2 — 21 a 40 Vulnerabilidade Moderada

1) Perfil do aluno

Esse grupo apresenta alguns fatores de risco, mas ainda está em zona confortável. Na prática escolar, são estudantes que podem ter rendimento razoável, mas oscilante; não podem ser deixados à própria sorte. Esse é um grupo que pode responder bem a intervenções simples e relativamente baratas.

2) Objetivo do gestor escolar

O foco aqui é consolidar trajetórias de estabilidade. Esse grupo deve ser protegido contra o baixo desempenho, e é altamente sensível a ações preventivas.

3) Ações práticas de gestão

a) Criar rotina mínima de acompanhamento. A escola pode estabelecer, por exemplo: checagem quinzenal de desempenho, observação de participação, acompanhamento de tarefas-chave, monitoramento de redações e simulados.

b) Priorizar ações de baixo custo e alto alcance, pois esse grupo pode melhorar bastante com medidas simples.

c) Fortalecer cultura de estudo institucional. A gestão pode organizar calendário interno de simulados, mural de metas acadêmicas, rotina de estudo orientado, momentos de revisão por área.

d) Não esperar o problema se tornar grande demais. Esse grupo exige atitude preventiva: agir antes do declínio visível.

4) Síntese gerencial

Para esta faixa, a gestão deve operar por prevenção leve, sistemática e escalável.

CATEGORIA 3 — 41 a 60

Vulnerabilidade Relevante

1) Perfil do aluno

Aqui o risco já é significativo. O aluno não está necessariamente em colapso, mas pode apresentar condições que aumentam sua chance de baixo desempenho no Enem. São alunos que tendem a não acompanhar bem o conteúdo sem apoio, que oscilam entre esforço e descontinuidade.

2) Objetivo do gestor escolar

O foco aqui é estruturar apoio intermediário e impedir progressão da vulnerabilidade. Este grupo deve entrar em estratégia organizada de suporte.

3) Ações práticas de gestão

a) Criar lista nominal de acompanhamento pedagógico. A escola pode montar uma planilha simples com dados do estudante e seus principais gargalos, bem como sua evolução, de modo a saber melhor o que está funcionando.

b) Priorizar esse grupo para aulas de reforço e monitoria.

c) Organizar recuperação por habilidade, não só por disciplina. Evitar pensar apenas que o aluno “precisa de matemática” ou “precisa de português”; é melhor pensar em interpretação, leitura de gráfico, porcentagem, argumentação, compreensão de enunciado. O Enem se baseia fortemente na capacidade de ler e interpretar, habilidades que a mera aplicação da disciplina não pode desenvolver.

d) Produzir rotina institucional de “pequenas entregas”. A gestão pode articular com os professores metas mínimas comuns, que permitam desenvolver o aluno de forma constante e produtiva.

e) Fazer devolutiva escolar mais concreta à família. A comunicação deve ser clara, elencando necessidades e sugestões de melhoria.

4) Síntese gerencial

Para esta faixa, a gestão deve operar por focalização, organização de apoio e monitoramento ativo.

CATEGORIA 4 — 61 a 80

Alta Vulnerabilidade

1) Perfil do aluno

Esse grupo já se encontra em zona de alto risco educacional. Em geral, envolve estudantes com acúmulo mais visível de desvantagens estruturais e pedagógicas. Esse grupo frequentemente coincide com perfis que apresentam maior dificuldade de estudo autônomo, maior risco de baixa aprendizagem acumulada, menor aderência espontânea às estratégias gerais da escola. Este grupo não pode depender apenas da rotina pedagógica padrão.

2) Objetivo do gestor escolar

O foco aqui é assegurar permanência acadêmica e garantir apoio intensificado. A meta não deve ser apenas melhorar nota, mas manter vínculo, garantir base mínima com continuidade.

3) Ações práticas de gestão

a) Tratar o grupo como prioridade institucional. A gestão precisa assumir que esses alunos devem ser prioridade de esforço pedagógico, não apenas mais um segmento da massa escolar. Isso significa incluí-los em estratégia educacional específica.

b) Criar trilha de proteção acadêmica. A escola pode estruturar para esse grupo: reforço fixo, presença em monitoria, revisão orientada, cronograma mínimo de estudo, acompanhamento de redação, supervisão mais próxima.

c) Designar responsáveis institucionais pelas estratégias educacionais destinadas a este grupo. Sem responsável, a estratégia se dissolve.

e) Reorganizar recursos escassos com critério. Na escola pública, é comum a falta de tempo, equipe e dinheiro. Assim, é ainda mais importante estabelecer prioridades.

f) Trabalhar comunicação motivacional e não só corretiva. Esse grupo frequentemente já experimentou muito fracasso escolar. A gestão precisa evitar uma linguagem apenas de cobrança, adotando comunicação positiva e reconhecimento de esforço.

4) Síntese gerencial

Para esta faixa, a gestão deve operar por prioridade institucional, intensificação de apoio e proteção da trajetória acadêmica.

CATEGORIA 5 – 81 a 100

Extrema Vulnerabilidade

1) Perfil do aluno

Esta é a faixa de maior vulnerabilidade estrutural e pedagógica do IVE. Esse grupo tende a reunir estudantes que acumulam múltiplas desvantagens, apresentam maior probabilidade de baixo desempenho persistente e podem estar em risco de desengajamento profundo. São alunos que exigem intervenção mais coordenada e menos improvisada. Nesse contexto, extrema vulnerabilidade significa necessidade de resposta institucional mais forte, contínua e protetiva.

2) Objetivo do gestor escolar

O foco aqui deve ser garantir permanência, proteção pedagógica, reconstrução de base e redução do risco de exclusão acadêmica silenciosa. Em outras palavras esse grupo precisa de estratégia prioritária de cuidado pedagógico.

3) Ações práticas de gestão

a) Instituir acompanhamento prioritário nominal. Esse grupo deve estar claramente mapeado pela gestão: quem são esses estudantes, quais suas fragilidades centrais, quais ações já foram ofertadas, quem está acompanhando.

b) Criar plano de apoio mínimo por estudante ou subgrupo. Não precisa ser um plano individual sofisticado, mas pelo menos um roteiro básico sobre os alunos.

c) Acionar rede escolar ampliada. Esse grupo exige mais do que a sala de aula regular. A gestão deve articular, quando possível, apoio extra a esses alunos.

d) Reduzir barreiras de acesso às oportunidades, garantindo que o aluno consiga aderir às estratégias educacionais que são disponibilizadas. A gestão pode facilitar por meio de horários mais viáveis, comunicação mais simples, reforço em momentos acessíveis, atividades mais enxutas e frequentes.

e) Trabalhar metas de progresso, não só metas de ideal. Se a escola medir apenas “nota alta final”, ela pode perder de vista avanços reais. Portanto, o acompanhamento deve ser mais intenso.

4) Síntese gerencial

Para esta faixa, a gestão deve operar por resposta prioritária, coordenada e protetiva.



Anexo 4

Índice de Vulnerabilidade no Enem (IVE)

A criação do Índice de Vulnerabilidade no Enem (IVE) passa por duas etapas. Primeiro, devem ser calculados os pesos de cada fator socioeconômico. Depois, os pesos são aplicados à fórmula do IVE, que fica pronta para uso. Esse procedimento se justifica: os fatores têm influência específica sobre a nota, e, desse modo, deve ser feita a análise isolada de cada um deles, assegurando-se a replicabilidade do índice.

Importante notar que a pesquisa que deu origem a este PTT já tinha apurado as notas históricas para cada fator socioeconômico. É a partir dessas notas que o IVE é construído.

Fórmula geral do peso:

$$\text{Peso} = \frac{\text{maior nota do fator} - \text{nota da categoria do aluno}}{\text{maior nota do fator} - \text{menor nota do fator}}$$

Exemplo para um aluno cuja renda familiar seja de classe média:

$$\text{PesoCM} = \frac{661,94 - 594,00}{661,94 - 492,64} \Rightarrow \text{PesoCM} = \frac{67,94}{169,30} \Rightarrow \text{PesoCM} = 0,401$$

Ainda é preciso fazer cálculo semelhante para o peso de cada fator:

$$\text{PesoRenda} = \frac{\text{amplitude da Renda}}{\text{soma das amplitudes}} \Rightarrow \text{PesoRenda} = \frac{169,30}{714,163} \text{ Peso} = 0,237$$

A partir desse ponto, tendo sido calculados os pesos de todas as categorias de todos os fatores socioeconômicos, pode ser aplicada a fórmula exibida na página 13 e reproduzida abaixo:

$$\text{IVE} = 100 \cdot (0,237 \text{ Renda} + 0,093 \text{ Cor} + 0,085 \text{ Acesso} + 0,107 \text{ EscolaridadePai} + 0,119 \text{ EscolaridadeMãe} + 0,137 \text{ OcupaçãoPai} + 0,117 \text{ OcupaçãoMãe} + 0,105 \text{ Idade})$$

Observa-se que o ideal é fazer esse cálculo com planilha ou *software* específico. Contudo, mesmo assim, este PTT não impõe esse tipo de cálculo, que aqui é detalhado apenas para referência. A planilha (Anexo 1) automatiza a apuração do IVE de forma simples e rápida.

Faixas de vulnerabilidade

Trabalha-se com cinco faixas de vulnerabilidade: baixa, moderada, relevante, alta ou extrema. Justifica-se essa escolha por conta da intenção de oferecer um produto personalizado para cada faixa de risco, evitando-se o excesso. Com cinco faixas, entende-se que este PTT direciona sugestões e orientações personalizadas a cada perfil de aluno. A segmentação em cinco faixas de risco guarda semelhança com a clássica escala Likert (1932), permitindo incluir uma gradação de valores, indo além do “sim” ou do “não”. Da mesma forma, neste Guia, permite-se classificar um aluno em mais faixas.

Protocolo de recebimento do produto técnico-tecnológico

À

Secretaria da Educação do Ceará (Seduc)

Pelo presente, encaminhamos o produto técnico-tecnológico intitulado “Guia de Reconhecimento e Enfrentamento da Vulnerabilidade ao Baixo Desempenho no Enem”, derivado da dissertação de mestrado Fatores Socioeconômicos Determinantes da Nota no Enem: Uma Análise dos Microdados do Ceará de 2014 a 2023, de autoria de Cezar Gomes Dantas.

Os documentos citados foram desenvolvidos no âmbito do Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional (Profiap), ministrado pela instituição associada [Universidade Federal do Ceará](#).

A solução técnico-tecnológica é apresentada sob a forma de um [Relatório Técnico Conclusivo](#), e seu propósito é [oferecer uma ferramenta prática para o ganho de nota no Enem](#).

Solicitamos, por gentileza, que ações voltadas à implementação desta proposição sejam informadas à Coordenação Local do Profiap, por meio do endereço profiap.ufc@ufc.br.

Fortaleza, CE, 1º de junho de 2026.

Registro de recebimento

Assinatura, nome e cargo (detalhado) do recebedor

Discente: Cezar Gomes Dantas, mestre

Orientadora: Marilene Feitosa Soares, doutora

Coorientadora: Kilvia Souza Ferreira, doutora

Universidade Federal do Ceará

1º de junho de 2026

Crédito das imagens:
<https://pixabay.com/>
<https://pt.wikipedia.org/> (Vygotsky, p. 13)

ATRIBUTOS QUALIFICADORES DO PTT

1 Impacto

O modelo atual da educação brasileira pode ser visto como fundamentado pelo capítulo III da Constituição Federal de 1988, que a define como direito de todos e dever do Estado e da família, estabelecendo, ainda, como seus princípios norteadores, dentre outros, a igualdade de condições de acesso e permanência, e a garantia do padrão de qualidade. Ainda segundo a Constituição Federal, os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio, sendo que o não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

Além disso, a Constituição prevê que a lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação. No período de abrangência da pesquisa que fundamenta este PTT, estava vigente o Plano Nacional de Educação 2014-2024, aprovado pela Lei nº (Brasil, 2014), que tinha, dentre outras, as diretrizes de superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação, e de melhoria da qualidade da educação.

Entretanto, conforme demonstrado ao longo da pesquisa que deu origem a este PTT, fatores socioeconômicos têm exercido influência negativa sobre o exercício das garantias constitucionais e legais de acesso ao ensino público de qualidade – aquele ensino que, na educação básica, permite a aquisição de conhecimentos e competências que levem ao curso superior de acordo com as necessidades do aluno e da sociedade. Portanto, esses direitos e garantias estão sendo afetados por fatores externos ao ambiente restrito da escola, e que merecem atenção dos agentes envolvidos na educação.

O Guia fornecido por este PTT se propõe justamente a auxiliar no enfrentamento dessa limitação. Esse enfrentamento se dá com a ferramenta de diagnóstico da vulnerabilidade ao baixo desempenho, e também com orientações, sugestões e dicas personalizadas para cada agente. Dessa forma, ocorre a transformação de conhecimento acadêmico em aplicação prática na comunidade.

2 Aplicabilidade

A aplicabilidade deste Guia é voluntária. Em princípio, pode ser usado por pais ou responsáveis, por professores e por gestores escolares de todo o estado do Ceará. A planilha de diagnóstico da vulnerabilidade é simples, exigindo apenas o acesso a um computador, *tablet* ou celular com acesso à Internet – ou sua distribuição para uso *offline*. Quanto ao preenchimento, é extremamente simples.

Acerca das orientações disponibilizadas, são medidas que exigem disciplina, empenho. Contudo, sim, são plenamente aplicáveis à totalidade dos alunos cearenses.

Em termos de replicabilidade, o Guia pode ser usado por agentes de outros estados, mas, preferencialmente, após a adaptação da ferramenta de diagnóstico, que contém o histórico exclusivamente dos alunos cearenses. Acerca do período do histórico, é possível atualizá-lo, mediante a adoção dos procedimentos abordados na metodologia da pesquisa, de forma a expressar peculiaridades que eventualmente tenham se manifestado recentemente.

3 Inovação

À época da produção da pesquisa que fundamenta o Guia aqui proposto, estudos semelhantes eram escassos. Assim, é perceptível o grau de inovação que se oferta nesta oportunidade. O Guia é uma ferramenta criada a partir de uma pesquisa abrangente, completa dentro de sua metodologia, que integra os resultados de quem já fez o Enem com ações voltadas aos que ainda farão o Exame, e que é personalizada para diversos perfis de agentes e categorias de vulnerabilidade.

4 Complexidade

Este Guia tem aplicação facilitada, conforme mencionado no item 2, Aplicabilidade. A complexidade do assunto foi sintetizada em um instrumento que exige poucos recursos ou conhecimentos para ser usado.

Entretanto, não se deve subestimar a profundidade do tema. A busca pelo ganho de desempenho no Enem exige sacrifícios - disciplina, empenho, comprometimento. Os agentes interessados em sua aplicação têm, no Guia, uma orientação sobre como agir, mas a ação deverá ser contínua, e nisso reside a maior complexidade.

5 Distribuição do Guia

Apesar de ser de aplicação relativamente simples, sugere-se o desenvolvimento de um aplicativo que permita facilitar ainda mais o uso do Guia. Com a forte expansão do uso de aplicativos por um grande número de brasileiros, acredita-se que essa seja a melhor forma de maximizar a abrangência e o impacto da ferramenta aqui disponibilizada.

6. Limitações

Os resultados da pesquisa que deu origem a este Guia não explicam a totalidade da nota obtida pelo aluno. O desempenho no Enem depende de muitos fatores, e apenas alguns deles são analisados neste trabalho. Portanto, é incorreto tirar conclusões definitivas a partir deste Guia.

Além disso, alguns fatores socioeconômicos abrangidos pela pesquisa são complementares entre si. Por exemplo, alunos pertencentes a famílias de alta renda tendem a estudar em escolas particulares, e são filhos de pessoas com maior grau de instrução.

Portanto, recomenda-se cautela no uso do Guia. É possível utilizá-lo e se beneficiar dele sem preconceitos e estigmas.

7. Atualização dos dados históricos

De forma a manter a relevância deste Guia, serão efetuadas pelo menos mais duas atualizações dos dados históricos. Assim, a partir da pesquisa inicial, que compreende os anos de 2014 a 2023, serão incluídos também os resultados de 2024 e 2025. Assim, a ferramenta contará com dados tão realistas quanto possível.

Será possível, ainda, estabelecer entendimento com os autores para viabilizar atualizações posteriores a 2025, conforme novos resultados sejam disponibilizados.

EVIDENCIAÇÃO DE IMPLEMENTAÇÃO E IMPACTO DA PROPOSTA

O Enem é a porta de entrada do curso superior público e de qualidade. A preparação para o Exame deve ocorrer nos anos antecedentes à sua aplicação, preferencialmente desde o ensino fundamental, quando se dá a formação da base educacional. Neste Guia, adota-se como ideal a concentração de ações de desenvolvimento das competências do aluno no primeiro ano do ensino médio ou antes. Dessa forma, espera-se, haverá tempo para que ele reveja conteúdos de base e também adquira os conhecimentos necessários para obter uma boa nota.

Assim, sugere-se que este Guia seja distribuído aos destinatários para aplicação preferencial a alunos até o segundo ano do ensino médio. Após esse estágio, o potencial de ganhos se torna mais baixo. Portanto, pode ser aplicado também a alunos que ainda estejam cursando o ensino fundamental.

Acerca da aplicação, opta-se por não torná-la rígida. A distribuição, por parte das escolas, pode ser feita nos meses iniciais; sugere-se que seja feita ao mesmo tempo – por exemplo, na primeira reunião de pais. Contudo, não se pretende, aqui, estabelecer critérios restritivos: cada escola, cada família, cada professor faz a aplicação conforme entender ser melhor. Portanto, como sugestão: distribuir o Guia no começo do ano letivo, para uso ao longo do ano.

A aplicação efetiva deste Guia, espera-se, levará à redução da diferença de desempenho entre os alunos oriundos das escolas públicas e privadas; entre os alunos de famílias de rendas diferentes. Essa redução, mesmo que não se manifeste em elevada pontuação, pode significar o acesso a uma faculdade na própria cidade do aluno, sem ter que se deslocar para outra cidade ou mesmo outro estado. Alguns pontos a mais no Enem podem significar um ano a menos fora da faculdade, um ano a menos até a conclusão da graduação, o acesso ao curso dos sonhos, a entrada na faculdade ideal.

Portanto, os resultados do Guia podem ser perceptíveis individualmente quando um aluno de baixa renda garante sua vaga no curso superior de difícil acesso, quando o aluno que teve formação básica deficitária se vê conquistando o que parecia impossível. Coletivamente, desde que o Guia seja adotado massivamente, será possível perceber redução estatisticamente significativa nas diferenças de desempenho entre alunos de perfis socioeconômicos diferentes.

Ademais, este Guia pretende ter papel conscientizador acerca da importância do acompanhamento dos alunos pelos agentes, principalmente pelos pais ou responsáveis. Assim, será possível verificar maior interesse – presença às reuniões que tratem dos temas relacionados aos estudos dos filhos, por exemplo. Esse interesse, na forma de maior participação na vida escolar dos alunos, tem potencial para mover o desempenho positivamente.